

## O OFICIAL ESPECIALISTA NO MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA

### “O ELO PERDIDO”

Por: Aprígio Eduardo de Moura Azevedo - Maj Av

“Mas são tão comuns e diferentes as dificuldades humanas, e tão vários os fins e as ações, que uns — com desejo de glória — se aventuram; outros — com temor da infâmia — não se atrevem a publicar aquilo que, uma vez revelado, há de sofrer o julgamento do povo. (...)”

Assim como a ousadia e a coragem de um poderiam condenar-se pela licença demasiada que concede a si mesmo, o receio e a tardança do outro são viciosos: pois tarde ou nunca serve, com o fruto de seu engenho e estudos, aos que esperam e desejam ajudas e exemplos para prosseguir em suas atividades.”

(Miguel de Cervantes Saavedra — A GALATÉIA)

## I — INTRODUÇÃO

No século passado, quando estava tão em voga a discussão das idéias de evolução, defendidas por homens como Darwin, Lamarck e tantos outros, nasceu uma expressão que criou corpo e força para sobreviver ao passar do tempo: “O ELO PERDIDO”.

Aquela época, queria traduzir o pensamento dos que estudavam a evolução do homem, quando se deparavam com o abrupto degrau que separa a escuridão irracional, da luz radiante da racionalidade — aquele preciso momento da descoberta da possibilidade de utilização de uma queixada como arma de ataque e defesa, tão bem mostrado por Stanley Kubrick na sua obra-prima: “2001 — Uma Odisséia no Espaço”.

Hoje, longe de querermos estar próximos à profundidade dos estudos dos pesquisadores de outrora, fazemos uso dessa idéia para pôr em discussão um assunto que reputamos de extremado interesse para a Força Aérea Brasileira.

Sabemos que, em novembro de 1980, foi assinado o decreto-lei N.º 85.429, determinando

que, a partir daquela data, estava extinto o Curso de Formação de Oficiais Especialistas da Aeronáutica. Com isso, o ano de 1982 passou a ser o marco a separar os Oficiais formados na Escola de Curitiba, em curso com dois anos de duração, e com carreira assegurada até o posto de Tenente-Coronel na ativa, daqueles que passaram a ser promovidos do meio dos Suboficiais e 1.ºs Sargentos, pelo processo de merecimento conceitual, após estágio de dois meses no CIEAR e com o posto máximo de Capitão. Através da sistemática em vigor, Suboficiais já foram guindados ao oficialato, formando o Quadro Complementar de Oficiais da Aeronáutica.

É nosso intuito desenvolver algumas idéias e formular pontos de vista que, sem terem a pretensão de crítica, propõem, acima de tudo, uma análise fria da formação que julgamos necessária para os Oficiais Especialistas, procurando enfatizar, principalmente, sua interação com a Força.

## II - UMA APRESENTAÇÃO

Em 1980, tivemos oportunidade de travar contato com a carismática unidade do Campo do Bacacheri, onde, até então, se formavam os Oficiais Especialistas da Aeronáutica. É interessante observar que, na primeira aproximação, havia a “certeza”, de nossa parte, de que conhecíamos o problema do Oficial Especialista dentro de nossa organização. Cedo vislumbramos o engano. De imediato, descobrimos que muito havia a aprender e discutir. Chegara a hora de abandonar o barco dos que se davam por satisfeitos com o “ouvir falar”; era o momento adequado para arregaçar as mangas e descer ao fundo do poço.

Retrocedendo ainda mais no tempo, encontramos-nos durante seis anos na “graxa” do 1.º/4.º GAv, em Fortaleza, onde aprendemos a sentir a vital importância dessa comunidade na FAB. Representa, na verdade, o **elo de ligação** entre o que vê o avião, como operador e executante da atividade-fim, e aquele que “faz o avião”, como técnico da atividade-meio.

Somos, numa apresentação formal, o Oficial Aviador, empregando a máquina como arma de guerra, com todos os apetrechos que lhe convém e o Oficial Especialista, por sua vez, gerenciando

o meio, para fazer funcionar, com “azeite”, os sistemas dos quais depende o fim.

Falemos do segundo protagonista apresentado.

Esse técnico de nível superior, ao longo de 30 anos, foi formado pela Escola de Oficiais Especialistas da Aeronáutica, tratada, por força do uso, como Escola de Oficiais Especialistas e Infantaria de Guarda, não obstante a portaria N.º 396/GM3, de 17 de julho de 1979, que modificou sua denominação. A instrução ali ministrada, nas mais diversas especialidades, objetivava elevar o nível do profissional para uma visão entre humana e sistêmica — utilizando a linguagem de Recursos Humanos — das atribuições de um especialista.

Aqui vale uma observação: a palavra especialista - é interessante notar - tem uma conotação diferente no seio da Força Aérea Brasileira; ao invés de enaltecer, estigmatiza. Razões para o enaltecimento encontram apoio em uma definição na Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional, que diz: “pós-graduação (especialização), lato sensu, refere-se a todo e qualquer curso, também em segmento à graduação, com objetivo técnico-profissional específico, sem abranger de modo mais profundo a área de conhecimento em que se insere a especialidade” e objetiva preparar profissionais de nível elevado. Sobrevém, contudo, o estigma, por parte daqueles que acreditam que a capacidade individual possa ser avaliada pela simples denominação convencional daquilo que somos. É necessário, portanto, em primeiro lugar, “clarear as idéias” para podermos, então, emitir conceitos e opiniões.

Com relação à elevação de nível sobre a qual estamos discorrendo, vamos usar o exemplo do Estado de Israel, que se impôs aos Estados Árabes, como tão sobejamente sabemos, porque preparou suas Forças Armadas de tal forma que “cada Soldado fosse um artífice, cada Sargento, um técnico e cada Oficial, um engenheiro”. É desse último grupo que estamos tratando.

Vem de longe a discussão sobre como deve ser a formação do quadro de Oficiais da FAB. Muito se disse, muito se escreveu e os desgastes, que não foram poucos, continuam hoje. Já em 1959, em publicação na revista Aeronáutica N.º 06 Set/Out, o então Major-Brigadeiro Joelmir Campos de Araripe Macedo dizia algo a propósito, tão atual, quanto o era há 20 anos atrás: “Não

são, aliás, apenas as exigências do equipamento bélico que justificam o alto nível cultural do Oficial, mas, também, o conceito de guerra total, envolvendo a mobilização das elites civis. Assim, terá o Oficial que se impor como líder, não apenas perante seus subordinados de carreira, mas, também, perante as elites civis, mobilizadas para a guerra, integradas por cientistas, engenheiros, médicos e outras personalidades de grande saber. (...) A importância da missão atribuída ao Oficial, exigindo dele aprimorados requisitos morais, humanísticos, sociais e profissionais, requer cuidados especialíssimos durante a fase de formação”.

Neste campo do pensamento, onde formulamos algumas idéias, parece-nos claro que uma formação acadêmica planejada, partindo de um exame de seleção feito dentro do círculo dos graduados, é de todo imprescindível: primeiro, porque pinça, através de concurso, os mais capazes (é bom que se faça alerta: em dados estatísticos levantados na EOE Aer, em 1981, ficou demonstrado que não eram apenas os graduados de “gabinetes” que conseguiam o intento de ingressar naquela Escola; pelo contrário, o número daqueles oriundos da “graxa” era expressivamente maior, comprovando, tão-somente, uma verdade reconhecida por todos — o homem tem como medida a própria vontade de vencer); segundo, porque autentica, via de regra, a ascendência destes sobre o meio de onde vieram, com uma importante ressalva: continuam a comunicar-se na “mesma língua”; terceiro, porque é o caminho lógico para a utilização de homens com pouca idade, que além de serem mais receptivos ao aprendizado têm, ainda, muito a render para a Força, no correr da vida profissional.

### III - A INSTRUÇÃO

O que se estava fazendo, nos últimos anos de operação da EOE Aer, na área da instrução propriamente dita, para a elevação do nível dos seus alunos? Para responder a essa pergunta, vamos tomar como exemplo o Curso de Armamento, boa amostra do que era feito para ministrar conhecimentos à altura da evolução tecnológica hodierna.

Curso de Armamento — A Força Aérea Brasileira, a fim de ir ao encontro da missão que lhe foi atribuída pela Constituição, tem busca-

do um permanente estado de prontidão, que se caracteriza pela sua capacidade de pronta resposta. Isto só tem sido possível graças a uma perfeita integração dos meios materiais e humanos disponíveis.

O Oficial Especialista em Armamento deve atender às necessidades humanas da Força no que diz respeito ao controle, manutenção, preparação, aplicação e assessoramento técnico de todo o seu acervo bélico.

O seu preparo técnico-especializado capacita-o a desempenhar suas funções, de forma a oferecer:

- controle do material bélico que retrate, a qualquer momento, a situação geral de estoque e sua localização, facilitando a determinação dos fatores de planejamento necessários a uma rápida e oportuna aplicação;
- manutenção que atenda e garanta a confiabilidade das armas;
- preparação dos artefatos bélicos, de modo a causar os danos desejados;
- assessoramento técnico desse acervo bélico, desde a participação no adestramento e formação das equipagens de combate nas unidades aéreas, até o nível de “staff” nas Diretorias, Comando Aerotático e Parques.

No Curso de Armamento, na EOE Aer, durante o 1.<sup>o</sup> ano, o aluno recebia base científico para no 2.<sup>o</sup> ano enfrentar o estudo técnico-especializado. Senão vejamos:

– **Disciplina Visores e Bombardeios:** tratava dos aparelhos de visada para emprego em ataques Ar-Superfície e em combates aéreos. Ensinava, também, o bombardeio horizontal de altitude – com emprego garantido no tão almejado Poder Aeroestratégico.

– **Química dos Explosivos:** proporcionava conhecimentos sobre leis fundamentais da química dos explosivos e dos agressivos químicos militares, assim como dos métodos de obtenção.

– **Técnica em Armamento:** cobria a área da preparação e aplicação das armas não-nucleares, dando noções sobre planejamento da Força, vulnerabilidade dos alvos, seleção das armas e precisão no lançamento dessas armas.

– **Balística e Tiro:** aplicava as leis e princípios que regem a balística interna e externa

dos projéteis lançados de aeronaves em combate.

– **Engenhos autopropulsados:** tratava de todas as armas autopropulsadas, desde os foguetes de aviação até os sofisticados mísseis em serviço ativo na Força Aérea Brasileira. Vale lembrar que já temos uma indústria em rápido desenvolvimento, especificamente, nesse campo das armas de guerra.

Administração de Material Bélico, Inglês Especializado, Inspeção e Segurança de Munição e Explosivos eram disciplinas cujos títulos elucidavam o conteúdo.

No interesse de atingir sua finalidade, aquela Escola proporcionava aos futuros Oficiais Especialistas em Armamento, um estágio, no labor, em Parques de Material Bélico e em Unidades Aéreas de Aviação de Caça.

O curso dedicava-se, ainda, à formulação de uma filosofia de organização e emprego das armas, constantemente sujeitas às dinâmicas influências do progresso técnico, de modo a aplicá-las com o máximo de economia de meios e esforços. O desenrolar do curso era apoiado em uma doutrina básica, que refletia a realidade e características dos recursos disponíveis e do ambiente operacional existente. Entendia-se que isso fosse um pré-requisito para a sobrevivência nacional, quando da aplicação do Poder Aéreo. Dessa maneira, formava-se o Oficial tecnólogo para uma Força Aérea moderna, onde ele ocuparia o espaço (elo) entre o alto nível da concepção (engenheiro) e o nível de execução da manutenção (sargento) ou seja, entre a complexidade da pesquisa e do fabrico e a necessária simplicidade do manuseio e aplicação dos itens bélicos da atualidade.

#### IV - O HOMEM E A FAMÍLIA

Um dado importante que passava despercebido, quando se olhava para o então aluno da EOE Aer, dizia respeito a seu “modus vivendi”, à época da matrícula naquela Escola. Normalmente, apesar de jovem, já tinha família constituída e, se não era estabilizado, estava a caminho da estabilização. Esse último fato dá o grau do valor do homem, que tem o destemor de começar tudo de novo, para galgar mais um patamar como profissional e pessoa humana.

## VI - UMA PROPOSTA

À luz de todo o raciocínio já desenvolvido, é hora de apresentarmos uma proposição que, longe de pretender servir como verdade única ou esgotar o assunto, visa levantar "a ponta do véu", com intuito de sensibilizar os que possuem poder de decisão para que se busque uma solução para o problema aventado.

Nosso ponto de vista, então, de forma clara e sem rodeios, é simples: **reabramos a antiga ou criemos uma nova** (não nos compete o mérito da questão) Escola de Formação de Oficiais Especialistas da Aeronáutica. Vamos usar todos os ensinamentos aprendidos nos tempos passados para corrigir o que for necessário no presente; vamos adicionar o que houver de moderno e aplicável nessa (re) nova (da) estrutura, com vistas ao aprimoramento do trabalho atual; utilizemos a experiência daqueles Oficiais remanescentes da antiga escola, que ainda estão "por perto", para não perdermos o fio da meada do caminho a ser seguido nesses novos tempos; façamos reviver o espírito de crescimento pessoal e autodesenvolvimento profissional nos nossos graduados recém-formados que, jovens ainda, podem ascender na escala social, dependendo, exclusivamente, dos esforços próprios e, dessa forma, trazendo, inquestionavelmente, lucros imensuráveis para a Força. Não podemos dizer que é uma alternativa inteligente de nossa organização insistir em trabalhar com pessoal sem perspectiva de evolução na carreira, em tempo hábil (em busca da estima e auto-realização, lembrando Maslow) e, além disso, sem condições de acompanhar o desenvolvimento presumível da nossa estrutura organizacional. Enfim, a tese defendida é que devemos trabalhar com um quadro de pessoal altamente qualificado e competente, para que a Força possa estimulá-lo à altura.

## VII - CONCLUSÃO

Certamente, assuntos polêmicos são a mola que impulsiona a discussão positiva, o diálogo franco, o buscar contínuo das soluções, procurando atender os anseios de todos. Vale dizer que é preciso cuidado para evitar o bloqueio da mente — tanto no sentido do apego radical às idéias antigas, quanto a uma visão

tão-somente imediatista e aparentemente correta. No dizer do velho Ike: "A doutrina do imediatismo, tantas vezes aplicada para a tática, é perigosa para ser empregada na estratégia."

Assim, temos de convir que o assunto merece estudo profundo e questionador, para que seja certa a decisão final. E no campo da Educação, é bom lembrar, curto prazo significa **uma geração**, cuja formação pode atender às necessidades de alguns curtos anos, mas certamente pode, também, causar dificuldades seriíssimas num futuro mais dilatado.

Ao longo desta exposição, vimos que haviam sido dadas correções a alguns dos problemas cruciais que existiam, qual sejam, por exemplo, assimilação do novo estágio profissional e social, através da elevação do nível familiar já comentado. Os cursos específicos foram aprimorados, no sentido de atingir, realmente, as necessidades da Força como um todo e dentro de cada especialidade. O mais importante, contudo, é que dessas modificações, (que só elas merecem outro trabalho), já estava havendo "feedback" positivo, o que, além de dar valor ao trabalho desenvolvido, mostra que muito mais se poderá fazer, partindo do que conhecemos, sem a necessidade de "começar tudo de novo", como se nada tivesse existido.

## VIII - BIBLIOGRAFIA

ARARIPE MACEDO, Joelmir Campos. **Formação do Oficial - Problema básico da Força Aérea**. Revista Aeronáutica. Rio de Janeiro, set/out. 1959.

BALDWIN, Hanson W. **Batalhas ganhas e perdidas**. Trad. do Cel Álvaro Galvão. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1978.

CHIAVENATO, Idalberto. **Administração de empresas**. São Paulo, Atlas, 1980.

ESCOLA DE OFICIAIS ESPECIALISTAS DA AERONÁUTICA. Departamento de Ensino. **Ensino na FAB - Estudo interno**. Curitiba, 1981.

LEI N.º 4.024. **Diretrizes e Bases**, 20 de dezembro, 1961.